

ORFANATO N. S. do Calvário - casa de bens, semeadora de bênçãos!:  
Campinas precisa voltar as vistas e a bolsa para a grande instituição - um bom emprego de capital, com lucro garantido...-A história do Orfanato principia há vinte anos - cerca de cem crianças poderiam ser socorridas já, se pudesse o Orfanato mudar-se logo para a nova sede do Cambuí - Um desafio à generosidade campineira. Correio Popular, Campinas, 04 set. 1948.

## Orfanato N. S. do Calvário

casa de bens, semeadora de bênçãos!

Campinas precisa voltar as vistas e a bolsa para a grande instituição — Um bom emprego de capital, com lucro garantido... — A história do Orfanato principia há vinte anos — Cerca de cem crianças poderiam ser socorridas já, se pudesse o Orfanato mudar-se logo para a nova sede do Cambuí — Um desafio à generosidade campineira

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE025290



Do s aspectos do estado atual da sede do "Orfanato" no Cambuí o andar térreo poderia ser logo habitado se se pudesse construir o muro em volta e grades para as janelas. Muito mais crianças poderiam ser acolhidas em tal caso. — Quem ajudará? eis um desafio.



Antes das sete. Abre-se, de repente, o portão de ferro que dá para a Rua Lusitana, e do grande e velho casarão, sede atual do Orfanato "N. S. do Calvário", saem, conduzidas por duas Irmãs, as meninas que encontram, naquela casa, lar e agasalho. Vão seguindo, sob a doçura e o frescor da manhã, em direção à Igreja de São Benedito, onde entram para as primeiras devoções do dia.

Enquanto seguem ali, pela rua sossegada, sob o uniforme simples que as distancia dos duros rumores deste mundo, vamos pensando que em tudo quanto de segurança, de bem, de educação e amparo, o velho Orfanato representa para elas. Vinte crianças, vinte mulheres de amanhã: num mundo necessitado como sempre, de bons e firmes caracteres, este facto representa muito, por certo, na justiça que se deve fazer a uma instituição, como aquele, que prepara, prevê e provê, que aponta o caminho e dirige o destino para que não se percam vidas, mas sim que, úteis e limpas, sejam algo de construtivo e presente nos dias do amanhã.

Pensávamos assim, nessas cousas, enquanto víamos as crianças descerem a Rua Lusitana, e resolvemos, então, ir procurar de perto, o Orfanato, sentir um pouco do que ali se faz e realiza, ouvir de como se prepara e dirige o caminho daqueles destinos...

### SOB O TETO DO VELHO CASARÃO

E fomos.

Como sempre, o "Correio Popular" teve, ali, a acolhida gentil de sempre. Tocámos a campainha, veio uma das Irmãs acompanhadas da auxiliar, e abriu-nos o largo portão. Fomos caminhando ali, entre folhagens, até a porta grande do velho edifício de oito janelas e duas portas na frente, metade no andar superior.

A Irmã abriu-nos a saleta à esquerda. Entrámos. Olhámos as paredes antigas, de muitos anos. Nelas, velhas figuras: o retrato do Pére Bonhome, o iniciador, amável na fisionomia serena; para além, a figura de D. Carmen Maria, que principiou a obra do Orfanato N.S. do Calvário quando, ao falecer, na França, em 1928, deixou, em testamento, para a obra, sessenta contos. — sessenta contos naquele tempo! Ainda além, na parede, o último retrato da atual Madre Geral, Madre Marie Alfrede.

Na saleta, aqui e ali, móveis também de há vinte anos, como seria de esperar numa velha casa conventual, onde passam as pessoas de leve e manso e nada se estraga. Cadeiras, sofá, uma mesinha de centro, uma escrivaninha de fecho, um baú de couro com capa.

A nossa Diretora, nobre e atenciosa, a voz de quem confia na bondade de todos, a Diretora do Orfanato, Irmã Maria Cecilia contava-nos a velha história na qual, por certo, se encon-

tram fios de seu próprio coração:

— "Foi em 1928 que principiamos: D. Carmen Maria (que alma pura aquela!) nos deixou sessenta contos, e assim começámos a vida que todos conhecem, essa vida que deseja ajudar, ir buscar as orfãs desamparadas, fazer delas, pela graça de Deus, boas mulheres, dignas mães de família, pessoas de quem a sociedade tenha que falar bem."

Parou de leve a voz mansa e,

como se quisesse dar um impulso de piedade, prosseguiu daí a um momento:

— "Não penso que a cidade deva olhar mais só por nós, daqui: penso muito no Instituto "D. Neri", naqueles meninos, em tudo quanto ali se realiza... É preciso ter piedade dessas crianças todas, meninos e meninas! Se o sr. soubesse quanto poderíamos fazer se mais recursos tivéssemos e mais cómodos!... Imagine que temos vinte meniunhas, mas poderíamos ter, já, até cem, lá no Cambuí. E também o sr. não imagina como é duro e triste ter que fechar a porta a tantas que chegam até aqui, trazidas por uns e por outros... casos tristes, — mas que fazer?"

El contou-nos o que se faz e o

que se poderia realizar. E contou-nos da esperança, da grande esperança na sede nova do Cambuí, ampla e capaz de permitir muito maior ação e expansão:

— "Já não digo em ocupar, já, todo o edificio, mas ao menos o térreo já nos daria bastante. E para isto não seria necessário muito: seria necessário, apenas, que pudéssemos construir o muro em torno e as grades para todas as janelas..."

### ONDE OS RICOS PODERIAM EMPREGAR BEM O SEU DINHEIRO

Parámos ali, a meditar numa cousa: está ali uma obra muito boa, sem dúvida, para ocupar o interesse de muitos dos nossos homens ricos: a obra de ajudar a escrever, com outras tintas e outras linhas, o destino de tantas

crianças que, doutra forma, ficariam desamparadas. Eis aqui um bom emprego de capital, que não dá lucro neste mundo e em moeda sonante, mas que Deus não esquece: ajudar a terminar o belo edificio do Cambuí, auxiliar, já na construção do muro e das grades, estimular, agora, o socorro a mais de cem crianças...

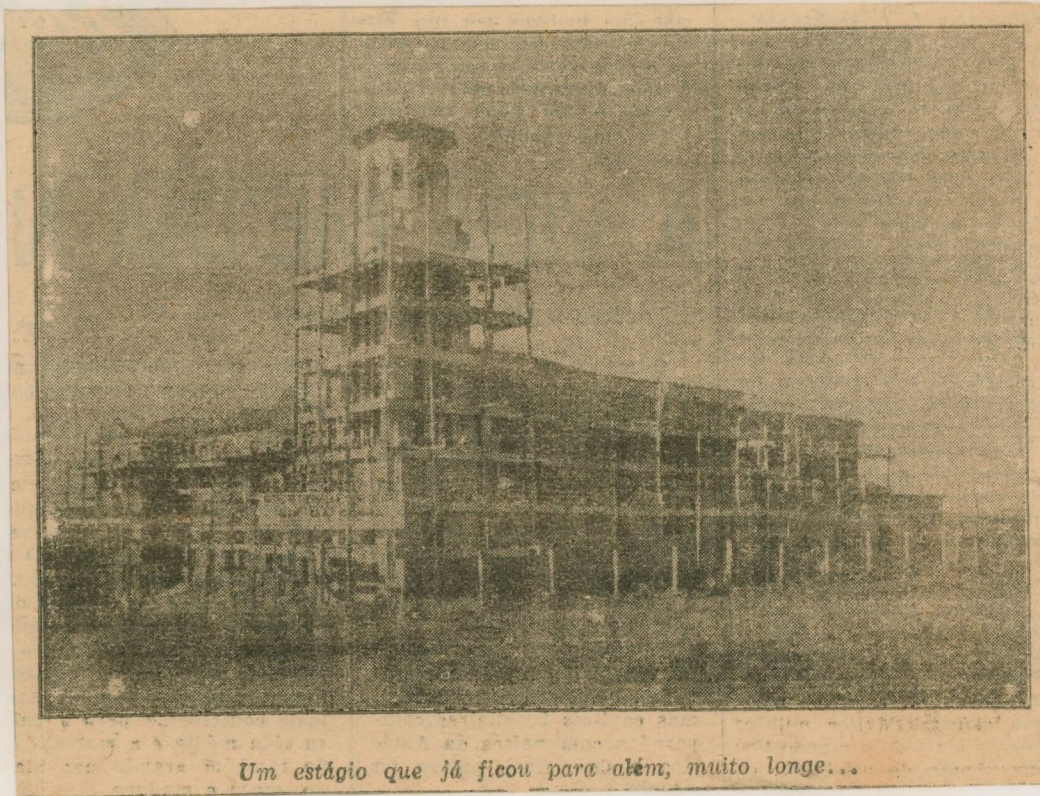
Dá vontade de a gente gritar essas coisas. — tal o poder de convicção, de piedade, de compaixão que se divisa nos acentos de voz da Madre Diretora do Orfanato de N.S. do Calvário!

E mais convictos ficámos do bom emprego de dinheiro naquela obra quando ouvimos histórias de crianças que, tendo entrado para lá sob o peor dos prognósticos, saíram, mais tarde, com vida e destino iluminados de ver-

dadeiro sentido: o de ser útil.

Obra orçada, em 1939, em quinhentos mil cruzeiros, administrada gratuitamente pelo dr. Lix da Cunha, servida por ele e pela sra. Lix da Cunha com o maior dos devotamentos — quanto não alcançará, hoje, em avaliação? Mas, principalmente — quanto inapreciável é e será ela quando, daqui a pouco, estiver sendo lar de centenas de pequeninas sem lar, abrigo de sem-abrigo?

Campinas tem algo de dívida para com a velha e nobre casa: a dívida de ajudar o Orfanato N.S. do Calvário a ser destruidor de bens e de luzes por sobre o destino de almas pequeninas...



Um estágio que já ficou para além, muito longe...